

Venezuela: Provocação de Uribe – uma ação dos Estados Unidos

No apagar das luzes de seu governo, Álvaro Uribe apresentou a denúncia na OEA de que a Venezuela protege em seu território um contingente de 1.500 guerrilheiros das Farcs. Na reunião da Unasul, o chanceler venezuelano reafirmou o desmentido do governo Hugo Chávez. O general Douglas Fraser, chefe do Comando Sul das Forças Armadas dos EUA, saiu em defesa de Uribe, garantindo veracidade.

A ruptura de relações diplomáticas da Venezuela com a Colômbia é mais um acontecimento na acidentada relação dos países vizinhos. Está prevista a posse do novo governo de Juan Manuel Santos, eleito recentemente como candidato de Uribe e dos Estados Unidos, o que indica que a acusação contra a Venezuela é uma manobra para pressionar o governo de Chávez que enfrenta uma situação interna de crise econômica e externa de ataques às medidas nacional-estatistas.

O “socialismo do século XXI” bolivariano é uma farsa. Não expropria o conjunto da grande propriedade. As nacionalizações não passam de desapropriações, com indenizações. Mas basta o estatismo capitalista e a retórica socialista do nacionalismo burguês para ouriçar a reação imperialista.

A guerrilha das Farcs e o narcotráfico serviram de motivo para a burguesia colombiana escancarar as portas para os Estados Unidos. Na realidade, a produção de cocaína e seu comércio não passam de álibi. Os EUA são o maior consumidor mundial de drogas e também grande produtor de entorpecentes sintéticos. A droga é uma mercadoria entrelaçada nas relações comerciais e tende a crescer com a decomposição social do capitalismo. As Farcs estão confinadas, tamanha a intervenção dos Estados Unidos e da violência reacionária do Estado colombiano. Internacionalmente, o imperialismo conseguiu transformá-las aos olhos das massas como braço armado do tráfico. Sem vínculo com a classe operária e com a perda do apoio camponês, a guerrilha se isolou e passou a atuar na forma do foquismo. Tudo indica que as Farcs não têm futuro para a revolução e estão a caminho da desintegração. Mas os Estados Unidos têm usado a “narcoguerrilha” como camuflagem para o intervencionismo.

Os êxitos de Uribe se deveram aos bilhões de dólares despejados pelo Plano Colômbia, arquitetado por George W. Bush. O país mantém-se no mais profundo atraso econômico, as massas enfrentam altas taxas de desemprego, a miséria campeia solta e sobressalta a alta concentração de renda que permite a minoria esbanjar luxo.

O conflito com a Venezuela trouxe um grande custo para a Colômbia, uma vez que os venezuelanos eram consumidores de suas mercadorias. Há que se entender que os dois países são semicoloniais e que a dissensão entre os Estados reflete a presença atuante do imperialismo norte-americano.

Não é o nacionalismo e a demagogia socialista de Chávez que importunam a burguesia colombiana, embora a reação oligárquica exista nos dois lados, mas sim a atuação do imperialismo que joga um país contra outro. As Forças Armadas da Colômbia pensariam muitas vezes antes de violar as fronteiras do Equador, como o fizeram atacando um acampamento das Farcs e assassinando um de seus principais comandantes. A decisão somente foi possível devido à retaguarda dos Estados Unidos, prontos a garantir uma guerra com o Equador e Venezuela.

As bases militares norte-americanas construídas na Colômbia indicaram mais ainda o grau de comprometimento da burguesia nativa e de seu governo com o imperialismo. Colômbia é descaradamente um país vendido e serviçal. Chegou-se do fracasso das Farcs, surgidas da divisão do estalinismo colombiano. As Farcs conservaram o programa da revolução democrática (etapismo) e assumiram a tese da guerrilha agrária, desconhecendo a tarefa fundamental de organizar o proletariado como força motriz das transformações.

Não se pode ignorar que a incapacidade militar das Farcs frente ao Estado armado pelo imperialismo – os paramilitares foram fundamentais, até o momento em que se evidenciaram narcotraficantes – serviu não só para combater a guerrilha, mas sobretudo a classe operária e para arregimentar politicamente a classe média urbana. Esse é o drama que está por trás dos conflitos entre duas nações oprimidas pelo imperialismo, que somente a unidade das massas exploradas poderá resolver.

É fundamental que a vanguarda proletária se coloque pela construção do partido marxista-leninista-trotskista. O POR rechaça o ataque do sanguinário, corrupto e pró-imperialista Uribe à Venezuela. Levanta a bandeira de expulsão do imperialismo da Colômbia, como ponto de partida para a solução dos problemas. O proletariado e demais explorados, principalmente os camponeses, têm diante de si a tarefa de pôr em pé uma frente única antiimperialista e anticapitalista.

1º de agosto de 2010